

China detona crise nos mercados

Marcelo Billi

Bolsas caem pelo mundo, e mercados de países emergentes sofrem maiores impactos

Analistas vêem "ajuste" após ações, títulos e commodities estarem em níveis recordes

Bovespa cai 6,6%, maior queda desde setembro de 2001, e risco-país sobe 12%; em Nova York, índice Dow Jones recua 3,29%

Investidores do mundo inteiro venderam ações ontem, em movimento que derrubou todas as grandes Bolsas mundiais. A turbulência global começou na China. A Bolsa de Xangai caiu 8,84%, atingiu os mercados asiáticos, alastrou-se pela Europa e atingiu o mercado americano e os emergentes.

No Brasil, a Bovespa caiu 6,63%, e o risco-país subiu 12%, fechando a 204. Nos EUA, o Dow Jones registrou queda de 3,29%. As quedas nas Bolsas de Brasil e EUA foram as maiores desde os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001.

O movimento de ontem -estimulado por temores de desaceleração nos dois maiores motores da economia global, EUA e China- foi chamado por analistas de "solução temporária" ou "ajuste de preços". Ele ocorre num momento em que ações, títulos e commodities registram níveis recordes.

As Bolsas asiáticas voltaram a cair no início do pregão hoje, com Tóquio recuando 3,71% (tinha caído só 0,52% ontem) e Xangai recuando mais 1,35%.

O "ajuste" começou no mercado chinês. Nenhum indicador econômico mudou os cenários com que analistas e economistas trabalham para a economia chinesa ou mundial. Foi a possibilidade de Pequim impor restrições às operações no mercado acionário que assustou os investidores. O vice-presidente do Parlamento chinês, Cheng Siwei, já advertira, nos últimos dias, que " há uma bolha" no mercado local.

Ontem, o governo do país anunciou a criação de uma comissão que será responsável por checar a procedência do dinheiro aplicado na Bolsa para detectar fraudes como o uso de informação privilegiada.

O anúncio chamou a atenção de investidores tanto para o risco de os preços estarem muito altos quanto para a possibilidade de intervenção estatal. Resultado: Xangai teve sua maior queda desde 1996.

Para piorar o cenário, nos EUA, logo pela manhã, investidores se depararam com estatística que mostrava que os pedidos de bens duráveis caíram 7,8% em janeiro -o mercado esperava 3%, alimentando a queda nos mercados europeus e, logo depois, em Nova York.

Mas houve notícias positivas também nos EUA, como o aumento na venda de imóveis usados e na confiança de consumidores. Os dados positivos não mudaram o mau humor no mercado, que, um dia antes, já ouvira do todo-poderoso Alan Greenspan, ex-presidente do bc dos EUA, que havia risco de recessão no país.

Prevaleceu, pelo menos ontem, a avaliação de que o cenário para a economia americana pode ser um pouco pior que o esperado. A interpretação mais generalizada é que a turbulência de ontem foi uma correção que pode durar alguns dias, mas que não muda o cenário econômico de crescimento mundial projetado para o ano.

Para Armínio Fraga, ex-presidente do Banco Central, alguma correção nos mercados já era esperada. "Não acho que vá ser o fim do mundo, mas não arrisco fazer uma previsão para o curto prazo", disse Armínio (leia entrevista à pág. B2). Já Nuno Câmara, economista do

Dresdner Bank em Nova York, vê pouca mudança no cenário mundial e brasileiro, mas, disse, "independentemente dos fundamentos, muitos ativos estão com preços altos".

De fato, 2006 foi o quarto ano seguido de altas na maioria dos mercados acionários mundiais. O último ano de queda mais ou menos generalizada foi 2002. Ações, preços de commodities e outros ativos de risco, como títulos de emergentes, atingiram níveis recordes de preços no ano passado, o que leva muitos economistas a afirmar que os investidores estão subestimando seus riscos.

"O mercado mundial está muito alavancado e com muitos ganhos, é natural que os preços se ajustem", disse Roberto Padovani, do WestLB.

Já analistas estrangeiros ouvidos pelo diário inglês "Financial Times" avaliam que a turbulência de ontem pode afastar estrangeiros dos emergentes. Simon Hayley, do Capital Economics, adverte: "Se os fatos de ontem nos dizem algo, é que o sentimento sobre os emergentes é frágil". Para Mary Ann Bartels, do Merrill Lynch, "os mercados que subiram mais rápido do que outros enfrentarão uma queda mais aguda com fundos "hedge", reduzindo sua exposição a eles".

O mundo parece começar a se adaptar a um novo cenário -2007 deve ser o ano de transição do rápido crescimento recente para uma expansão mais moderada. Transição cheia de incertezas, o que deve, diz Padovani, tornar soluções como o de ontem mais frequentes.

Leia mais:

Bovespa sofre maior queda desde o 11/9

Fabricio Vieira

Bolsa responde à tensão nos mercados mundiais com queda de 6,63%; dólar tem maior alta em 9 meses e vai a R\$ 2,12

No pior momento do dia, Bovespa apontou perda de 7,87%, com forte venda de estrangeiros; risco-país sobe 12% e vai a 204 pontos

A Bovespa encarou ontem seu pior pregão dos últimos anos. No fim das operações, a Bolsa de Valores de São Paulo marcava impressionante desvalorização de 6,63%.

Na história recente da Bolsa, pregões tão ruins só ocorreram após o fatídico 11 de setembro de 2001, quando a queda foi de 9,17%. Em 13 de setembro daquele ano, a Bolsa caiu 7,26%.

Nenhuma das 58 ações que compõem o índice Ibovespa, que reúne os papéis de maior liquidez da Bolsa, conseguiu terminar ontem com ganhos.

Entre as mais pesadas quedas de ontem, ficaram as ações Telemig Participações PN (-10,02%), Usiminas PNA (-9,73%) e Sadia PN (-9,34%).

A Bovespa operou em queda durante todo o pregão e marcou perdas de 7,87% no pior momento do dia.

Em todas as praças financeiras, as Bolsas de Valores sofreram ontem com pesadas vendas e preocupantes quedas. Com os latino-americanos, não foi diferente: o Merval, em Buenos Aires, caiu 7,5%; a Bolsa do México perdeu 5,8%.

O volume financeiro negociado na Bovespa chegou a R\$ 5,45 bilhões -a média diária do ano é de R\$ 3,5 bilhões-, o que mostra a intensidade das vendas de ontem.

Nesses momentos de incertezas internacionais, que sacodem os mercados, o fato de a Bovespa ter nos estrangeiros o grupo de investidores de maior peso se torna um problema.

Ontem, os estrangeiros puxaram as vendas de ações de companhias brasileiras logo na abertura do pregão, segundo operadores do mercado. O dia começou repercutindo a queda de 9% da Bolsa de Xangai e com os investidores temerosos de que a China adotasse medidas duras para conter especulações e esfriar a economia.

"O mercado mundial estava muito alavancado, com diversas Bolsas operando em níveis recordes. Com temores de que alguma medida mais drástica fosse tomada pelo governo chinês, os investidores correram para vender ações", afirma Maristella Ansanelli, economista-chefe do banco Fibra.

"Como não vejo nenhum novo problema com fundamentos econômicos, entendo que depois dessa pesada realização o mercado volte a encontrar o caminho de alta. Mas podemos ainda ter que conviver com pregões ruins nos próximos dias", afirma a economista.

Dólar para cima

O mercado de câmbio não escapou do tenso dia: o dólar subiu 1,73%, maior alta desde maio de 2006, e terminou vendido a R\$ 2,12. O risco-país subiu 12%, para 204 pontos.

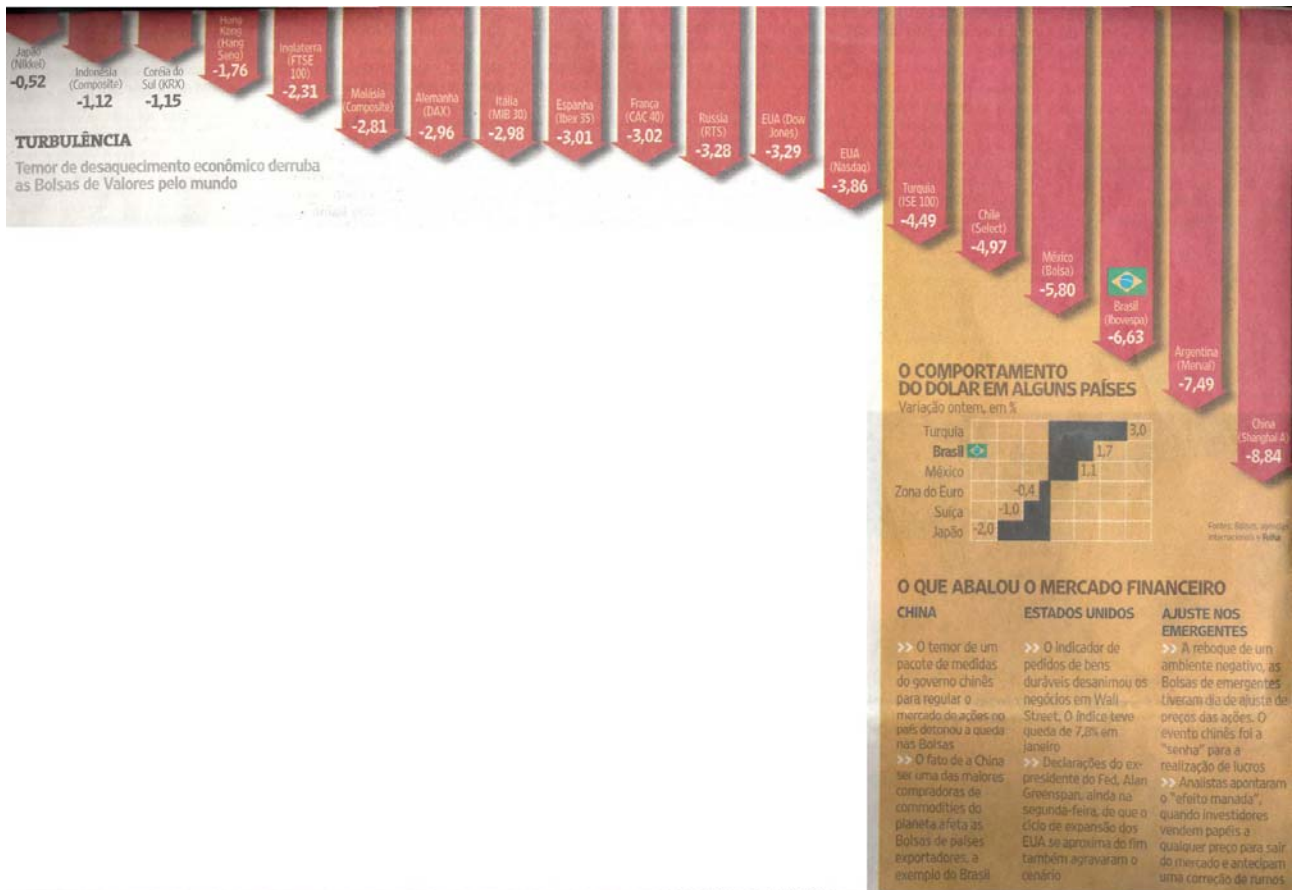
Mesmo com a moeda estrangeira operando em alta durante todo o dia, o Banco Central não se ausentou do mercado e comprou dólares dos bancos.

Para José Roberto Carreira, diretor da corretora Novação, "mesmo que o dólar suba mais um pouco nos próximos dias, a tendência de apreciação do real continua viva".

As taxas futuras de juros encerraram em alta na BM&F (Bolsa de Mercadorias & Futuros). Mas as elevações foram relativamente brandas.

Isso porque ninguém espera que o BC passe a subir a taxa Selic por conta do estresse internacional. A não ser que o mercado passe a enfrentar realmente um período de turbulências persistentes.

No contrato DI (Depósito Interfinanceiro) mais negociado ontem, que vence na virada do ano, a taxa foi de 12,06% a 12,13% anuais.



Fonte: Folha de São Paulo, São Paulo, 28 fev. 2007. Dinheiro, p. B1,3.